

Data: 14.06.2020

Titulo: A DOENÇA DA AMÉRICA

Pub:

CORREIO
da manhã

domingo

 **QuickCom**
comunicação integrada

Tipo: Jornal Nacional Diário

Secção: Nacional

Pág: 1;3;36;37;38;39



Área: 5075cm² / 97%

Tiragem: 148.036

FOTO

Cores: 4 Cores

ID: 6869505

Data: 14.06.2020

Titulo: A DOENÇA DA AMÉRICA

Pub:

CORREIO
da manhã

domingo

QuickCom
comunicação integrada

Tipo: Jornal Nacional Diário

Secção: Nacional

Pág: 1;3;36;37;38;39



36

A morte do negro George Floyd às mãos de um polícia

branco numa cidade americana indignou o mundo. Os protestos estenderam-se a todos os EUA, manchados por atos de vandalismo de alguns manifestantes



Área: 5075cm² / 97%

Tiragem: 148.036

FOTO

Cores: 4 Cores

ID: 6869505

36 | DOMINGO | 14 DE JUNHO

HISTÓRIAS
MANIFESTAÇÕES

FERNANDO MADAIL | TEXTO

MOVIMENTO SEM
UM NOVO MARTIN
LUTHER KINGManifestações espontâneas, sem grupos radicais
do Antifa ou dos Supremacistas

U

riamente, pelo menos a uma marcha, a uma vigília de oração ou a um protesto silencioso”, “atraindo centenas de milhares de pessoas”.

Uma realidade também presenciada por Pedro Schacht, professor de Estudos Portugueses, Lusófonos e Ibéricos na Ohio State University, estabelecido nos Estados Unidos desde 1995: “Na cidade onde vivo – Columbus, que tem a população da área metropolitana de Lisboa, onde há uma clara maioria branca, não obstante a expressiva população negra –, há dias consecutivos, está toda a gente nas ruas” e os protestos estão “a alastrar-se ao mundo rural, que é, tradicionalmente, conservador”.

Apesar de Donald Trump e de alguns membros da sua Administração, das chefias da polícia e até mesmo de governadores e de ‘mayors’ do Partido Democrata considerarem que “os distúrbios iniciais teriam sido obra de agitadores infiltrados vindos de fora”, rapidamente se demonstrou o contrário. Como esclarece Pedro Schacht, “quando se consultam os dados da Polícia sobre as prisões efetuadas desde o início (é informação pública), constata-se que todos os detidos têm origem na cidade ou no Estado”.

José Gomes André, professor de Filosofia Política e História das Ideias Contemporâneas, na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, um especialista em assuntos relacionados com os EUA, lembra que, num ajuntamento que chega a contar com um milhão de pessoas

(como também sucederia em Paris ou em Londres), não são “os grupos radicais organizados, mas 20 ou 30 marginais oportunistas que, no meio da maioria pacífica, aproveitam a confusão para pilhar as lojas e vandalizar os carros – o que prejudica a mensagem dos manifestantes”.

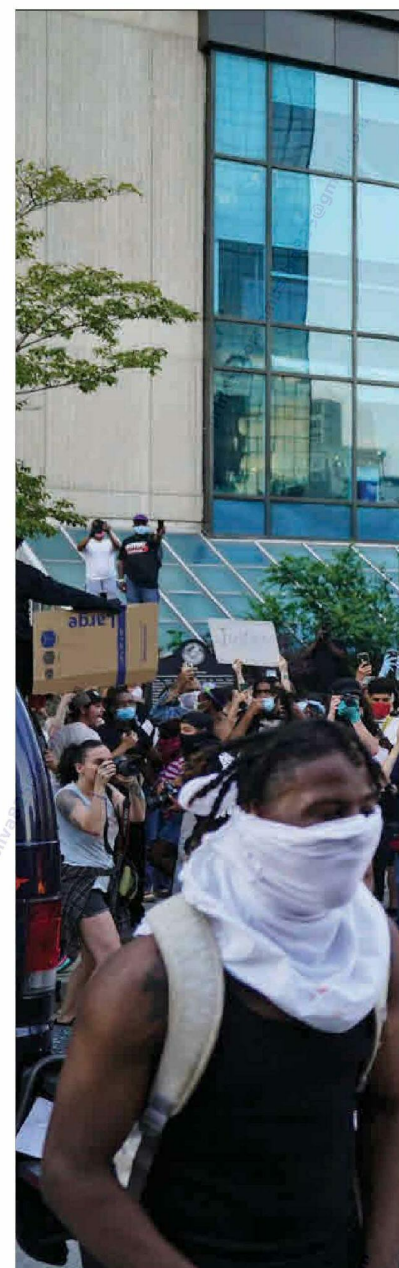
Antifas e supremacistas

O termo antifas, que Donald Trump popularizou ao tentar encontrar os culpados dos protestos, não designa inequivocamente uma organização nem tem um significado concreto, pois pode ser “uma espécie de ideologia, uma tendência, um ambiente ou uma atividade de autodefesa”, sustenta o historiador Mark Bray (que foi um dos promotores do movimento Occupy Wall Street), na sua obra ‘Antifa – O Manual Antifascista’. “Podemos localizar a génese antifa, na América do Norte,



Quando se consultam os dados da polícia, constata-se que todos os detidos têm origem na cidade ou no estado

PEDRO SCHACHT, PROFESSOR DE ESTUDOS PORT. DA OHIO STATE UNIVERSITY





Manifestante exibe-se no tejadilho de um carro da polícia incendiado: violência manchou os protestos pela morte de George Floyd

numa pizzaria de Minneapolis”, explica o mesmo autor, “onde um grupo de ‘skinheads’ antirracistas e multirraciais, chamados Baldies, estava reunido durante as férias de Natal, em dezembro de 1987”.

Os Baldies criariam a Anti-Racist Action, que acabaria por se expandir a nível nacional (e, agora, também é conhecida como Torch Antifa), defende a ação direta (incluindo a violência política) e o ataque a organizações fascistas ou racistas. A denominação Antifa engloba todos os agru-

pamentos à esquerda do Partido Democrata, abrangendo anarquistas, socialistas, trotskistas, maoistas, antirracistas, ecologistas, feministas, ativistas que lutam pelos direitos das minorias (como a LGBTQ) ou rejeitam, por completo, o sistema capitalista – e há alguns com maior destaque, como o Rose City Antifa ou o Redneck Revolt.

Também não existem provas irrefutáveis sobre uma participação da chamada direita alternativa (‘alt-right’) ou dos nacionalistas bran-



Violência é da inteira responsabilidade da polícia

PEDRO SCHACHT, OHIO STATE UNIV.

cos. Na maioria dos casos, apesar do Facebook e do Instagram terem apagado mensagens de grupos supremacistas (que defendem, à boa maneira do Klu-Klux-Klan, a superioridade da “raça branca”) por incentivarem a violência, não haverá grandes suspeitas de intervenção direta nos motins de fações como os Proud Boys (os ‘meninos orgulhosos’, que se identificam por usar polos pretos da marca Fred Perry, com um cordão amarelo, enaltecerem os valores ocidentais e glorificarem

Área: 5075cm² / 97%

Tiragem: 148.036

FOTO

Cores: 4 Cores

ID: 6669505



Área: 5075cm² / 97%

Tiragem: 148.036

FOTO

Cores: 4 Cores

ID: 6669505

a força, além de advogarem o racismo, o machismo, o antisemitismo e a islamofobia) ou o movimento Boogaloo (cujos membros usam roupas militares, camisas havaianas e estão fortemente armados).

Outra estratégia foi a seguida pelos Identity Evropa (agora, American Identity Movement), que criaram, no Twitter, uma conta falsa, como se fossem o Antifa a apelar à insurreição.

Sem líderes

Embora a formação antirracista Black Lives Matter – criada, em 2014, em reação à morte de Eric Garner, estrangulado por um polícia de Nova Iorque – esteja na origem do movimento, a maior parte das manifestações foram espontâneas, inorgânicas, sem liderança ou agenda política – apenas indignação, repúdio, solidariedade. Principalmente, contra o racismo que continua a ensombrar a sociedade americana, a contestação não se limitou aos negros (maioritariamente pobres, segregados, uma grande parte da população prisional, as principais vítimas da Covid-19), mas mobilizou

também grandes massas da população branca e latina.

A possibilidade de emergir um novo Martin Luther King, um vulto carismático que liderasse a onda de contestação, não se verificou. José Gomes André chama a atenção para “o facto da tradição americana ser contrária a uma rígida hierarquia” – e exemplifica com os dois grandes partidos (Democrata e Republicano), que, ao contrário da realidade europeia, não têm um líder. “E, nos boletins de voto, aparece o nome do candidato e, depois, entre parêntesis, um ‘D’ ou um ‘R’.”

Regras para a polícia

As imagens que correram mundo com polícias a ajoelharem-se ou a abraçarem manifestantes não terão sido a regra, mas a exceção. Pedro Schacht sustenta que, após os “distúrbios nos primeiros dias, motivos dos pela raiva perante a injustiça”, a “violência que tem ocorrido é da inteira responsabilidade da Polícia”.

Aliás, para ilustrar “a arbitrariedade e o preconceito” de uma parte das forças de segurança ameri-

canas, José Gomes André recorda uma viagem de estudo pelos EUA, em que teve reuniões como os mais diversos estratos da sociedade, desde mórmons a empresários, onde o que mais impressionou o universitário lisboeta foi a resposta dada pelos miúdos pobres de uma escola de Birmingham (Alabama), com idades entre os 12 e os 16 anos, quando questionados sobre o maior problema do seu quotidiano. A resposta foi ... a polícia.

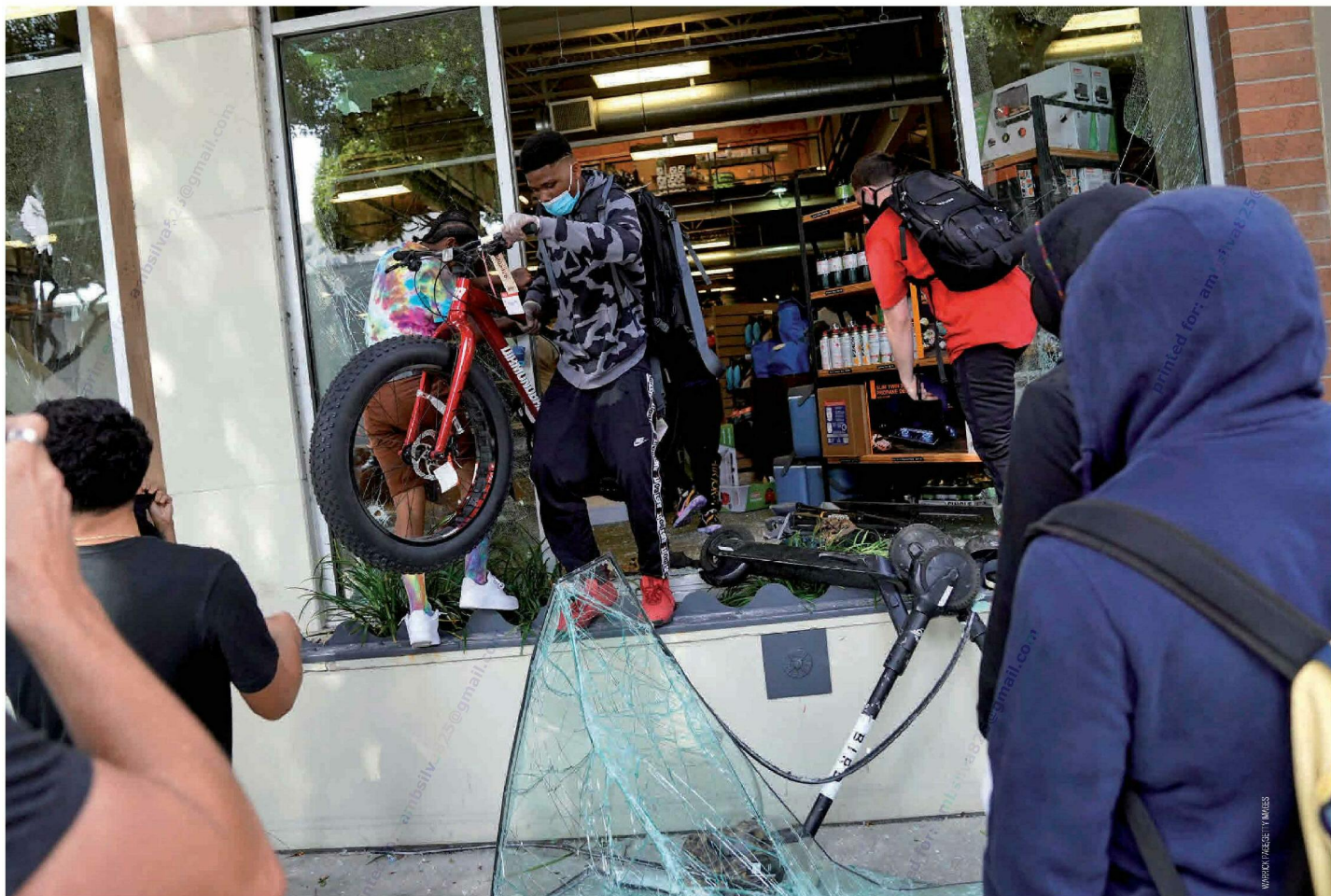
Todos os dias eram interrogados sobre a identidade, o que estavam a fazer naquele local, proibiam-lhes os jogos.

O ‘New York Times’, de 7 de junho, noticiava que “o Conselho da Cidade de Minneapolis se comprometeu a dismantelar o Departamento de Polícia da cidade [há muito acusado de racismo], prometendo criar um novo sistema de segurança pública”; e que os congressistas democratas já estariam a prepa-



20 ou 30 marginais oportunistas, no meio da maioria pacífica, aproveitam para pilhar as lojas e vandalizar os carros

JOSÉ GOMES ANDRÉ, PROFESSOR DA FAC. LETRAS UNIVERSIDADE DE LISBOA



Área: 5075cm² / 97%

Tiragem: 148.036

FOTO

Cores: 4 Cores

ID: 6669505

rar legislação para ser “mais fácil processar a má conduta policial e recuperar os danos causados por polícias que violaram os direitos civis”. Entretanto, começam a aparecer propostas para se estudarem novas formas para o treino dos agentes, que possam impedir técnicas de estrangulamento nas operações de detenção.

Numa altura em que estes confrontos raciais nos transportam para as décadas em que Luther King liderava as marchas pelos Direitos Civis, o ‘Washington Post’ sublinhava o que é distinto: “A geografia atual dos protestos é muito diferente da do final dos anos 60. Nessa altura, foi realizada nas principais cidades e em ‘campus’ das universidades – e a maioria dos americanos viu-os no noticiário da televisão.”

Agora, terão abandonado o sofá e multiplicaram-se por todo o lado, assegurando uma quase ininterrupta cadeia de demonstrações de repulsa pela forma como morreu George Floyd, cuja súplica “I can’t breathe” (“Não consigo respirar”) se transformou num grito mundial.



1 Membro armado da milícia de extrema direita Boogaloo Boys vigia manifestantes antirracistas nas proximidades de uma esquadra da polícia na cidade de Charlotte, na Carolina do Norte 2 Em Santa Mónica, na Califórnia, a marcha de protesto degenerou em vandalismo quando manifestantes aproveitaram o clima de tensão para pilhar lojas e roubar todo o tipo de artigos, com destaque para bicicletas (na foto) e ecrãs de televisão 3 Os Antifa, designação genérica para diversos grupos de ativistas antifascistas, alegadamente sem ligações entre si, foram acusados pelo presidente Donald Trump de estarem por detrás da organização das manifestações de protesto que se têm multiplicado por todo o território dos Estados Unidos. As circunstâncias da morte de George Floyd, um negro detido por um polícia branco que o imobilizou usando uma técnica que acabou por provocar-lhe a morte, encheu de indignação a América e algumas cidades europeias